



10º Congresso de Pós-Graduação

FRACASSO ESCOLAR: OS MITOS QUE SE MANTÊM

Autor(es)

PRISCILA TEIXEIRA RIBEIRO

Orientador(es)

ANNA MARIA LUNARDI PADILHA

1. Introdução

Ao longo da história, muitas concepções buscaram explicar o fracasso escolar. Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizo os estudos de Patto por considerá-la um marco nos estudos históricos e críticos sobre o tema, no Brasil. Assim, a publicação que tomo como fio condutor das discussões a seguir é “A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia”, reimpressa em 1996.

O estudo histórico realizado pela autora tem como marco inicial a Revolução Francesa (1789 – 1792) e a Revolução Industrial (1780). Nesse contexto, com a vinda dos camponeses para os centros urbanos, não se fazia necessária a criação de escolas, pois, diante da demanda de mão-de-obra especializada, tal capacitação seria oferecida pela indústria em seu interior. Somente a partir de 1848, em alguns países, a escola começa a adquirir significados diferentes, pois passou a ser vista por muitos como um meio através do qual se poderia deixar o trabalho braçal e passar a outra condição social. Porém, ganham força as teorias racistas que são divulgadas “aproximadamente entre 1850 e a década de 1930” (PATTO, 1996, p. 31). Entre os intelectuais da época era voz corrente que os brancos, pertencentes às classes dominantes, eram intelectual e moralmente superiores enquanto que os negros eram totalmente desprovidos de tais qualidades e de diversas possibilidades.

É no final do século XIX e início do século XX que as classes trabalhadoras buscando a escolarização como um meio para ascensão social, começam a pressionar o governo e, como resultado há uma grande expansão de escolas no Brasil e nos principais países capitalistas. Devido a essa expansão, de 1900 a mais ou menos 1930, os testes de QI passaram a ser utilizados pelas escolas com o objetivo de decidir o destino escolar de várias pessoas.

No final da década de 1930 começa-se a abandonar o conceito corrente na época de “criança anormal” e adota-se o conceito de “criança problema”, que privilegia não apenas os aspectos intelectuais para entender o fracasso escolar, mas também as questões físicas e principalmente afetivas. Os olhares se voltam então para a constituição, organização e funcionamento da família, a qual seria responsável pelos comportamentos e dificuldades apresentados pela criança considerada problema.

A partir dos anos setenta, as explicações direcionam-se a uma teoria que teve início nos Estados Unidos e que se apresentou como uma resposta política diante dos movimentos de minorias raciais diante das desigualdades a que estavam expostas. Nasce a Teoria da Carência Cultural, firmada na ideia de que negros e latino-americanos não alcançavam o mesmo sucesso escolar que as crianças brancas, justificando-se, segundo Patto (1992, p. 108), que “[...] negros e minorias latinas são portadores de deficiências físicas e psíquicas contraídas em seus ambientes de origem, principalmente em suas famílias, tidas como insuficientes nas práticas de criação dos filhos.” Surgem então os programas de educação compensatória que objetivavam capacitar as crianças que, vindas de ambientes familiares considerados deficientes culturalmente, não teriam capacidade de responder às demandas de ensino das escolas primárias e secundárias (PATTO, 1996).

Diante da maioria das pesquisas realizadas nesse período, as ideias apresentadas na Teoria da Carência Cultural são acrescidas apenas de algumas considerações sobre a má qualidade do ensino oferecido às crianças consideradas de classe social economicamente desfavorecida. Em textos referentes a essas questões, segundo Patto (1996), encontram-se comumente as afirmações de que: 1) As difíceis condições de vida das crianças são as geradoras das dificuldades escolares apresentadas por elas; 2) Os professores esperam em suas salas de aula alunos considerados ideais, de acordo com a proposta pedagógica que é elaborada; 3) Os professores

discriminam seus alunos pobres.

Outra ideia nascente foi a de que as dificuldades em aprender seriam hereditárias. Tal ideia, segundo Campos (1995), está presente nas justificativas que as famílias – por terem se apropriado do discurso vigente – dão para as dificuldades escolares de seus filhos. A história dos pais se repete na vida dos filhos.

Se as dificuldades em aprender são consideradas hereditárias – como se fossem doenças –, precisam de tratamento e é então que a medicalização vem com força, tanto para pais quanto para os professores, como um auxílio para sanar o problema. Busca-se nos medicamentos a solução para problemas que passam longe de ser de cunho orgânico e individual, mas que encontram nessa ferramenta a justificativa perfeita para os preconceitos e estereótipos presentes nas queixas escolares. Apresentar a criança como portadora dos distúrbios de aprendizagem faz com que os olhares e a responsabilidade pelo fracasso escolar se voltem para ela, inviabilizando assim um olhar mais cuidadoso para os fatores intra-escolares como produtores de tal fracasso (MOYSÉS e COLLARES, 1992).

Para Patto (1996), o fracasso escolar é produzido. Segundo ela, a má formação dos professores, os baixos salários, a desvalorização da profissão, os programas educacionais presentes nas escolas, o preconceito de alguns professores com relação aos alunos pertencentes às famílias consideradas desestruturadas, são fatores da produção do fracasso escolar.

Um estudo realizado por Angelucci, Kalmus, Paparelli e Patto (2004) sobre os trabalhos desenvolvidos nos cursos de mestrado e doutorado entre 1991 e 2002 também demonstraram que velhas concepções ainda imperam entre os profissionais da educação. Foram selecionados 71 trabalhos para análise e o que se observou é que as justificativas para o fracasso escolar ainda são as mesmas de décadas passadas: a) problema psíquico: foco no aluno; b) problema técnico: foco no professor; c) questão institucional: foco na política pública como determinante do fracasso escolar; d) questão política: foco nas relações de poder estabelecidas no interior da instituição escolar.

É preciso um olhar mais cuidadoso em direção às questões acima relacionadas para que as justificativas deixem de se escorar nas crianças, pois, diante de tal estigma pouco podem fazer para revertê-lo.

2. Objetivos

Investigar como os professores e os profissionais que compõem a equipe de direção de uma escola pública compreendem o fracasso escolar, como identificam suas causas e que caminhos propõem diante de tal realidade.

3. Desenvolvimento

A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental I, localizada na região central de uma cidade do interior do estado de São Paulo. A escola foi escolhida por ser uma das mais antigas da cidade. Foram entrevistados todas as atuais professoras (8), o diretor, a vice diretora e a coordenadora pedagógica. Todos os nomes citados são fictícios e foram escolhidos pelos próprios entrevistados. Ao todo foram realizadas 11 entrevistas, audiogravadas com a autorização dos participantes.

4. Resultado e Discussão

Trago para este texto parte de uma das entrevistas – a que foi realizada com a professora Edineia, que concluiu o magistério em 1982 e naquela década lecionou apenas por três anos, retomando esta atividade profissional em 2004.

No intuito de indagar sobre a manutenção ou não dos mitos referentes ao fracasso escolar e suas causas, perguntei à professora como ela entendia o fracasso escolar.

Edineia: Prá mim é... É um tema assim amplo porque o fracasso escolar a gente pode ir só pelo lado da escola ou só pelo lado do aluno. Eu vejo o fracasso escolar como um conjunto, então eu acho assim, aquele aluno que não está indo bem que está em cima desse fracasso, que não consegue avançar, eu penso aí na família, sabe, eu acho que a família também conta muito. Penso na escola, da escola também não estar sei lá, não estar conseguindo, investindo, dando importância. Penso no professor, o professor que não é comprometido, e na própria vontade do aluno, porque tem aquele aluno que tem dificuldade mesmo, mas também tem aquele aluno que não tem vontade. Eu acho que o fracasso escolar engloba tudo isso.

Há indícios de que a professora atribui o fracasso escolar a condições diversas, sob vários aspectos. Referindo-se ao aluno, relaciona sua dificuldade à família, à importância de sua presença e ao problema de sua ausência. Mas de que presença fala a professora? Não só à presença física, na casa. Quando diz que o aluno não consegue avançar em seu processo de aprendizado, podemos nos remeter aos momentos da história em que se acreditava que este movimento de aprender ou não era de responsabilidade da criança e de sua família. No entanto, mesmo quando se identifica condições que dificultam o bom rendimento escolar por problemas relacionados à dinâmica familiar, “não se pode entender o comportamento escolar de uma criança sem levar em conta a maneira como a escola se relaciona com sua subjetividade”, diz Patto (1996, p.296).

A autora lembra que mesmo diante de problemas familiares que possam ser prejudiciais ao desempenho escolar da criança, é preciso

que se olhe para a escola, para a maneira como ela lida com essa criança. Esse aspecto também foi enunciado pela professora Edinéia que apesar de apresentar a ideia de que o fracasso escolar pode ser da criança pela ausência de sua família, também considera importante que se observe o desempenho do professor e da escola diante das dificuldades apresentadas pelo aluno.

Quando a professora relata que também pensa na escola quando se fala de fracasso escolar, nos oferece elementos para pensarmos sobre a importância que a escola tem dado às dificuldades escolares de seus alunos e o quanto tem investido para que essas dificuldades sejam minimizadas. Da mesma forma quando fala sobre o interesse do professor em ajudar a criança, percebemos que seu olhar não se restringe àquilo que historicamente se convencionou acreditar - que a criança é a única responsável por seu aprendizado, ao contrário, nos permite pensar que em sua concepção, há vários fatores envolvidos no fracasso escolar.

Edinéia diz que alguns alunos têm de fato alguma dificuldade em aprender, outros, no entanto, não têm “vontade” de aprender. Ao pensarmos nessa questão, podemos nos remeter aos ensinamentos de Vigotski acerca de nossa constituição social como sujeitos, nas relações concretas de vida. De acordo com o autor, em seu Manuscrito de 1922 (2000, p. 25) “Eu me relaciono comigo mesmo tal como as pessoas relacionam-se comigo”, ou seja, conhecemos o mundo e a nós mesmos através do outro. Assim concebendo, a vontade – uma função psicológica superior - é também constituída nas interações. Historicamente tem se repetido a crença de que se a criança não aprende, é preciso investigar no próprio sujeito e não em seu meio social as causas para tal dificuldade. Quando pensamos no meio social em que a criança está inserida para além das relações vividas na escola, estamos falando de fatores extra escolares que podem ser responsáveis pelo fracasso escolar. Dentre eles, estão as dificuldades principalmente encontradas por famílias economicamente pobres em oferecer aos seus filhos moradia, alimentação e cuidados com a saúde. Contudo, ao dizer, “penso no professor, o professor que não é comprometido”, Edinéia nos oferece importantes pistas para refletirmos sobre aspectos da produção do fracasso escolar: os fatores intra escolares. Entre eles, como já citado acima, estão os programas educacionais, o trabalho desenvolvido pelos professores e até mesmo o preconceito destes com relação aos alunos das classes sociais mais humildes. Para Patto (1996), o fracasso escolar é socialmente produzido, e isso se dá dentro da escola e não fora dela. Por isso, mesmo diante da ausência ou da dificuldade dos pais em ajudar os filhos nas tarefas escolares, é importante atentarmos para o papel do professor, que deve observar as necessidades dos alunos e, prevendo o ponto de chegada, “organizar e implementar os procedimentos necessários para se transformar a possibilidade (do aprender) em realidade” (SAVIANI, 2002, p. 78). A escola, na pessoa do professor, é responsável por transmitir à criança os conhecimentos acumulados historicamente, pois, a educação é “o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2008, p. 8). De acordo com Patto (1996), o fracasso escolar não é um termo que se refere ao aluno, pois ele não carrega em si o fracasso como algo inato, ao contrário, o fracasso é o resultado de um descaso social, onde predominam interesses particulares de uma minoria.

5. Considerações Finais

As entrevistas realizadas nos permitiram identificar que ainda se mantém a crença de que a ajuda da família é de extrema importância para o aprendizado da criança. Porém, ao contrário do que se defendeu ao longo da história, grande parte dos profissionais entrevistados acredita também que o professor pode e deve trabalhar para minimizar as dificuldades apresentadas pelos alunos. Propõem um olhar mais atento para essas crianças desde as séries iniciais oferecendo-lhes atividades específicas e atenção individualizada. Além disso, as crianças são encaminhadas para recuperação paralela. Novas propostas de intervenção são semanalmente discutidas com a coordenadora pedagógica e o índice de crianças com dificuldades atualmente na escola, é pequeno.

Referências Bibliográficas

ANGELUCCI, C. B.; KALMUS, J.; PAPARELLI, R.; PATTO, M. H. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.1, jan./abr., 2004.

CAMPOS, N. A. S. A. O insucesso escolar: um estudo sobre as condições e concepções existentes nas instituições família/escola. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1995.

MOYSÉS, M. A. A., COLLARES, C. A. L. A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. In: *Cadernos CEDES*, nº 28, p. 31 – 48, 1992.

PATTO, M. H. S. O fracasso escolar como objeto de estudo: anotações sobre as características de um discurso. *Cad. Pesq.*, São Paulo (65): 72 – 77, maio de 1988.

_____. A Família Pobre e a Escola Pública: Anotações Sobre Um Desencontro. *Psicologia - USP*, São Paulo, v.3, n.1/2, p. 107 – 121, 1992.

_____. A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: TA Queiroz, Reimpressão, 1996.

SAVIANI, D. *Escola e Democracia*. Campinas: Autores Associados, 35. ed., 2002.

_____. *Pedagogia Histórico-Crítica*. 10 ed. Revisada. Campinas: Autores Associados, 2008.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 71, Julho/00.